

**Festa de Todos os Santos**

Amados irmãos em Cristo, que a paz de Deus esteja sempre com vocês.

Neste domingo em que comemoramos o Dia de Todos os Santos (4 de novembro de 2018), somos presenteados com a passagem bíblica narrada por Mateus na qual Jesus, no conhecido “Sermão da Montanha”, chama-nos de “Bem-Aventurados”, ao sermos mansos, misericordiosos, puros de coração e promotores da paz, caso tenhamos fome de justiça e se, por causa dela, formos perseguidos e injuriados, incompreendidos e caluniados. Destaca, ainda, que, ao estarmos nestas condições, devemos nos alegrar e exultar, pois grande será a nossa recompensa nos céus. Mas qual seria o significado de tais condições? Além de uma maravilhosa e consoladora passagem, qual sua relação com a Solenidade de Todos os Santos e o nosso dia-a-dia?

Convido, assim, todos vocês para que, após a leitura da referida passagem, reflitamos juntos sobre sua aplicação em nosso cotidiano.

Naquele tempo, vendo Jesus as multidões, subiu ao monte e sentou-se. Os discípulos aproximaram-se, e Jesus começou a ensiná-los:

“Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus.

Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.

Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e, mentindo, disserem todo tipo de mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus”. (Mt 5,1-12a)

Queridos irmãos, a passagem de hoje, na qual Jesus nos brinda com o conhecido “Sermão da Montanha”, o qual se inicia com as “Bem-aventuranças”, ou “Beatitudes”, referindo-se a algo que propicia suprema felicidade (beatitude significa felicidade). Não é sem razão que algumas traduções da Bíblia, a exemplo da Bíblia de Jerusalém, substitui o “*Bem-aventurados* ...” por “*Felizes* ...”. Dessa forma, além de nos esclarecer, mais uma vez, sobre a lógica do Reino de Deus, completamente distinta da lógica deste mundo, evidencia-nos importante ensinamento sobre o caminho para santidade, um ideal ao nosso alcance, caminho este que é oferecido universalmente, no qual, todos nós poderemos seguir e chegar ao Pai, com a graça de Deus.

Mateus, em seus dois primeiros capítulos, traz-nos quem é Jesus e, em seguida, no capítulo 3, por meio da pregação de João Batista, culminando com seu batismo, mostra-nos a sua verdadeira missão. Já no capítulo 4, Jesus mostra-se mais forte que o mal e retorna para Galileia, pregando e anunciando o reino dos céus e curando muitos enfermos. A essa altura, Ele nos apresenta o primeiro de cinco importantes sermões narrados por Mateus, o “Sermão da Montanha” que se inicia no capítulo 5 do seu Evangelho, avançando até o final do capítulo 7. Por meio desse primeiro e rico sermão, expõe com força e simplicidade o que muitos chamam do resumo da Boa-nova, princípios doutrinários, morais e espirituais, que ecoam ao longo dos séculos, até chegarem a cada um de nós. Parafraseando um líder espiritual indiano (e não cristão!), são “*princípios por meio dos quais a vida do homem se torna abençoada, repleta de bem-aventurança celestial*”.

Alguns estudiosos chegam a dizer que as “Bem-aventuranças” são o próprio retrato de Cristo Jesus e, como tal, um ideal a nós apresentado para ser atingido, pois, ao nos considerarmos cristãos, devemos buscar sempre seguir os passos de Jesus, visualizando os critérios divinos que o seu exemplo nos apresenta, ao invés dos humanos, desejando, com isso, a nossa permanência no Reino de Deus, desde a nossa estada neste mundo. Dessa forma, almejar a verdadeira felicidade nem sempre significa sermos felizes segundo a lógica do mundo, livrando-nos de adversidades, de problemas, e angariando e acumulando riquezas ilusórias e passageiras.

Pois bem, vejamos as “Bem-aventuranças” apontadas por Jesus, de forma individual, para nossa melhor compreensão.

“***Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus.***” (v. 3)

Tal *pobreza de espírito* nada mais é do que a humildade de espírito, razão pela qual algumas traduções bíblicas assim apresentam. As pessoas que se orgulham do que têm, do que sabem, de seus predicados físicos ou de seu poder mundano, não estão em condições de estabelecer um estreito vínculo com Deus e participar de seu Reino. Elas mantém o seu ego, sua essência humana, acima da verdadeira espiritualidade, sobrepondo-se ao verdadeiro Senhor de sua vida. Empobrecer-se espiritualmente significa despojar-se de seu próprio eu, do apego às questões mundanas ilusórias e perenes – posses, poder, beleza física, amor egoísta e tudo o mais que encanta os olhos humanos advindo deste mundo material. Por meio desta renúncia, é possível percebermos que as verdadeiras riquezas estão a nossa disposição, que somos, de fato, possuidores das riquezas do Reino de Deus, tendo a consciência de nele habitarmos, juntamente com Deus e seu santos.

“*Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.*” (v. 4)

Os *aflitos* ou os que *choram*, dependendo da tradução disponível, apontados por Jesus, não englobam, necessariamente, aqueles que assim estão por questões ligadas a este mundo, até porque tais pessoas normalmente choram pela perda de posses materiais, de amores passageiros e egoístas, de frustrações decorrentes de esperanças mundanas. Enquanto não nos afligirmos por não termos percebido a verdade divina, ao invés de lamentarmos nossas perdas de bens terrenos, não nos incluiremos nesse universo dos aflitos a serem consolados por Deus. A verdadeira aflição decorre da sensação da ausência espiritual dentro de nós, do que alguns chama de “divina melancolia” decorrente da percepção de nosso afastamento de Deus, gerando, com isso, um insaciável desejo de retorno à sua presença, de sentir a acolhida amorosa do amoroso Criador. O choro doloroso e angustiante pela distância percebida de Deus, certamente, levar-nos-á ao consolo divino tão almejado.

“*Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.*” (v. 5)

O que seria essa mansidão apontada por Jesus? Basicamente, representa a sujeição total do ser à Deus, liberto do sentimento de auto pertencimento e de propriedade, de pessoas ou coisas. Não está relacionado, porém, à fuga das coisas do mundo, ao abandono das posses ou das relações pessoais; o que não devemos é ter a sensação de que eles nos pertencem. Nossa auto visão é de um fervoroso e obediente servo de Deus, cuidando de suas coisas e dos seres que Ele nos disponibiliza neste mundo, com a atenção e o amor devidos. Dessa forma, estamos nos libertando da ilusão de posse, de domínio pessoais. Entretanto, como a Ele tudo pertence, e a nós tudo é confiado por Ele, diante de nossa entrega plena e despretensiosa, passamos a ser “possuidores” de tudo. Lembremo-nos de que a mansidão é, acima de tudo, entrega e, dessa forma, passamos a ser guiados pelo Santo Espírito, herdando, assim, a sabedoria divina, bem como terra, ou seja, a felicidade que nela já é possível de se obter.

“*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.*” (v. 6)

Seria muito pouco se tal justiça fosse relacionada de forma restrita, ou exclusivamente, à postura virtuoso, ética e moral na relação de contraposição ao mal. É muito mais do que isso, apesar de não ser excludente. Está relacionada à justiça absoluta, à bondade absoluta, refere-se à fome e sede do próprio Deus. Pode-se dizer que a fome e a sede apontados por Jesus, metaforicamente, estão intimamente relacionados à busca espiritual do homem. É a fome interior da Verdade, da presença de Deus permanentemente em nossa vida. Dessa forma, seremos um defensor incondicional da justiça no mundo, das relações amorosas entre os seres, da vivência da equanimidade e do respeito mútuo entre os seres.

“*Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.*” (v. 7)

Certamente, a misericórdia aqui referida não relaciona-se à dó ou pena dos seres, pois tais sentimentos estão muito mais ligados à sensação de superioridade e condescendência aos menos afortunados. A misericórdia apontada por Jesus é a acolhida incondicional de Deus, está intrinsecamente relacionada à capacidade divina de amar os seres, independentemente de suas limitações, de suas imperfeições. Até porque se sabe que Deus odeia o pecado, mas ama o pecador. Assim, ao sermos contemplados com a misericórdia divina, somos impulsionados a ser misericordiosos com os demais seres. Acolhamos as palavras de um importante mestre hindu: “*A fim de receberdes a misericórdia divina , sede misericordiosos para convosco, tornando-vos espiritualmente qualificados; e sede misericordiosos também para com os outros filhos de Deus que se encontram na ilusão. As pessoas que de todas as formas estão sempre progredindo e que compassivamente reconhecem e suavizam a carência de um desenvolvimento integral nos demais irão certamente enternecer o coração de Deus, obtendo para si próprias Sua misericórdia infinita e incomparavelmente benévola*”.

“*Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.*” (v. 8)

Podemos perceber em quase todas as tradições religiosas que, além da crença na existência de um Deus soberano, amoroso e sempre disponível, nossa finalidade neste mundo é de nos “aproximarmos” dEle, de conhecê-Lo verdadeiramente, de vivenciarmos sua presença em nós e deixarmo-nos conduzir por Ele, o que seria a percepção direta de Deus em nossa vida, em cada um de nós. Para tanto, evidencia-se a necessidade da purificação de nosso coração, de nossa mente, de todo nosso ser. Santa Teresinha de Lisieux dizia que via sua mente como um horto, no qual recebia a visita permanente de Jesus e, para tanto, não poderia deixar de preparar, de forma contínua, esse local que passava a ser sagrado, com o mais belo jardim existente. Eis a limpeza, a pureza da alma. Sem dúvida alguma, a evolução espiritual está diretamente relacionada com o coração purificado, libertando-nos das ilusões que nos invadem e tomam conta de nossa mente e de nossos sentidos, para nos abrirmos, limpos e plenamente disponíveis, para sermos preenchidos por Deus. Tal ação não deve ser vista de uma forma romântica e intangível, mas pela conquista do raciocínio correto por meio da pureza de nosso intelecto, transformando nossa razão e permitindo que a sabedoria presente nos liberte da ilusão, atingindo assim, o raciocínio correto pela pureza da mente. Ocorre que, somente com a força divina poderemos ter nossa “visão” desobstruída e contemplarmos, de fato, a presença de Deus em nossa vida e, associado a isso, a sua existência em tudo e em todos a nossa volta. Lembremo-nos de que, por sermos criaturas a imagem e semelhança de Deus, sua divina pureza já se encontra essencialmente em nós, basta desobstrui-la e deixarmos que ela assuma o nosso ser. Swami Prabhavananda, religioso indiano que muito trabalhou na apresentação dos ensinamentos de Jesus à luz do Vedanta, destacou: “*Quanto mais pensarmos em Deus e nele nos refugiarmos, tanto mais o amaremos e mais puros se tornarão nossos corações.*”

“*Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.*” (v. 9)

Lembremo-nos sempre de que a verdadeira paz não é algo a ser conquistado em nosso exterior, ela deve existir em nosso interior, deve fazer parte de nosso ser e dele exteriorizar-se, contaminando o ambiente em que nos encontramos. Ser pacífico não representa, apenas, não brigar, não encolerizar; a promoção da paz aqui mencionada está ligada a um estado interno do ser decorrente de uma união completa com Deus e todos os seres. A paz entre as pessoas, entre povos e nações, nada mais é, quando de fato construída, fruto do abandono do egoísmo, das ambições e da falsa sensação de posse material. Os que promovem a paz, assim o fazem manifestando o amor divino em si nutrido, reconhecendo todos os demais como filhos do mesmo Deus, o que propicia uma relação fraterna entre as pessoas. Dificilmente encontraremos ou favoreceremos a paz se partirmos apenas para ausência de conflitos, pois a hostilidade ainda persiste em seu interior. Os pacíficos ou promotores da paz, dependendo da tradução bíblica, nada mais são que disseminadores do verdadeiro espírito amoroso de Deus. No Śrīmad-Bhāgavatam, uma das principais obras da literatura indiana e significa, na tradução do sânscrito, “o livro de Deus”, podemos encontrar: “*Aquele em cujo coração Deus se manifestou leva a paz, a alegria e o encanto aonde quer que vá.*”

“*Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e, mentindo, disserem todo tipo de mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus*” (v. 10-12)

Ninguém que é verdadeiramente espiritual busca causar boa impressão, encantamento, ou o fascínio para si próprio. Normalmente, visa o oposto, caso, por amor de Deus, assim seja necessário. Não há, em tais pessoas, a menor preocupação sobre o que os outros pensam dele. Diferentemente da maioria que, instintiva e rapidamente, é levada a agredir seus críticos, com vistas a aplacar o ego, aquele que é, de fato, espiritual, que está preenchido pelo espírito de Deus e por Ele deixa ser conduzido, não se entrega ao ímpeto do revide, para que obstrua com isso seu divino relacionamento. É importante que percebamos outros vieses existentes neste versículo, pois nele está contido, também, as perseguições e torturas instintivas sensoriais, apresentadas pelas diversas tentações mundanas, que desequilibram nossa justa relação com Deus. Sem dúvida alguma, independente da ilusão que nos gere tais hábitos ou tentações, seus prazeres serão obtidos apenas momentaneamente. Já foi dito que “*o mel de Deus, apesar de envolto em mistérios, é o que a alma verdadeiramente anseia*”. A recompensa do reino de Deus, desde esta nossa encarnação na terra, assim como prometida por Jesus, é resultado de nossa mansidão diante das injúrias, da paz que oferecemos diante dos conflitos eminentes, do amor que damos em resposta às agressões que nos são direcionadas.

Percebam, meus amados irmãos, nenhum outro texto melhor seria escolhido para nossa reflexão no dia da Celebração de Todos os Santos, pois nele Jesus elencou o seu próprio perfil e, por conseguinte, o de todos aqueles que, seguindo-O, igualmente buscaram pautar a sua vida em sua passagem por este mundo, vivendo como um verdadeiro filho de Deus.

Que nos espelhemos neles, em decorrência da possibilidade por eles explicitadas em vida de sermos assim como Jesus, seguindo sua própria determinação: “*deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito*” (Mt 5, 48), assim como a exortação de Pedro aos dispersos pelo mundo, inclusive cada um de nós: “*como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos também vós santos em todos os vossos comportamentos*” (1Pd 1, 15).

Um fraterno abraço e fiquem com Deus!

Rev. Frei João Milton.